

## RODA DE CONVERSA ON-LINE: perspectivas e desafios da técnica

Lilian Moreira Cruz<sup>1</sup>  
Lívia Andrade Coelho<sup>2</sup>

**Resumo:** A pandemia do novo coronavírus provocou mudanças substanciais na vida das pessoas, seja no âmbito profissional, pessoal ou acadêmico. Para manter as medidas restritivas de distanciamento social instituídas pela Organização Mundial de Saúde – OMS, no ano de 2020, os/as pesquisadores/as foram provocados a criar estratégias metodológicas para produção de dados de suas pesquisas: o que até então seria realizado de forma presencial passou por modificações e/ou adequações para ser realizado de forma virtual e/ou *on-line*. Posto isto, este ensaio acadêmico tem como objetivo discutir os limites e possibilidades para realização da roda de conversa *on-line* como técnica para produzir dados de pesquisas no campo educacional. Esta investigação implica, necessariamente, delimitar: a) abordagem de pesquisa, b) ferramenta digital; c) horário; d) sujeitos participantes; e) conteúdo; f) tempo. O resultado do estudo em questão mostra que a roda de conversa *on-line* se configura como uma técnica de partilhamento de experiências pessoais e profissionais que fomenta o diálogo, a reflexão, a formação, entre outras mais. Contudo, requer do/a pesquisador/a planejamento prévio de cada ação que esta técnica exige, para assegurar a participação das pessoas sem maiores intercorrências técnicas, que inviabilizem e/ou prejudiquem sua plena participação e interação com o grupo, de forma a produzir os dados almejados para as análises e conclusão da pesquisa.

**Palavras-chaves:** Pesquisa. Roda de conversa. Tecnologias digitais. Educação.

## ONLINE GROUP TALK: perspectives and challenges of the technique

**Abstract:** The new coronavirus pandemic has caused substantial changes in people's lives, whether professionally, personally or academically. In order to maintain the restrictive measures of social distancing designed by the World Health Organization-WHO in 2020, the researchers were encouraged to create methodological strategies for the production of data for their research: those strategies, which so far would be carried out in person, went through modifications and/or adjustments to be performed virtually and/or online. That said, this academic paper aims to discuss the limits and possibilities for carrying out the online conversation group as a technique to produce research data in the educational field. This investigation necessarily implies in delimiting: a) research approach, b) digital tool; c) schedule; d) participating subjects; e) content; f) time. The result of the current study shows that the online conversation group is considered as a technique of sharing personal and professional experiences that encourages dialogue, reflection, training, etc. However, it requires from the researcher a prior planning of each action that this technique requires, to ensure the participation of people without major technical complications which make it unfeasible and/or prejudice their full participation and interaction with the group, in order to produce the data for the analysis and conclusion of the research.

**Keywords:** Research. Conversation Group. Digital technologies. Education.

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professora assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)- Brasil. Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil/UESC. Grupo de Estudo e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (UESB), Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Didática e Ludicidade (UFBA). Integrante do Programa Coletivo Paulo Freire/UESC. E-mail de contato: [lmacruz@uesc.br](mailto:lmacruz@uesc.br)

<sup>2</sup> Professora Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), lotada no Departamento de Ciências da Educação, Doutora em Educação, Professora Permanente no Programa de Pós-Graduação da UESC/PPGE, integra o Grupo de Estudo e Pesquisa em Comunicação e Educação/GEPeCE/UESC. E-mail de contato: [livia@uesc.br](mailto:livia@uesc.br)

## **RUEDA DE CONVERSACIÓN ONLINE: perspectivas y retos de la técnica**

**Resumen:** La nueva pandemia de coronavirus ha provocado cambios sustanciales en la vida de las personas, ya sea a nivel profesional, personal o académico. Con el fin de mantener las medidas restrictivas de distanciamiento social instituidas por la Organización Mundial de la Salud-OMS en 2020, se incentivó a los investigadores a crear estrategias metodológicas para la producción de datos a partir de sus investigaciones: que hasta entonces se realizaban de manera presencial pasaron por modificaciones y / o ajustes a realizar de forma virtual y / o online. Dicho esto, este ensayo académico tiene como objetivo discutir los límites y posibilidades de llevar a cabo la rueda de conversación online como técnica para producir datos de investigación en el ámbito educativo. Esta investigación implica necesariamente delimitar: a) enfoque de investigación, b) herramienta digital; c) tiempo; d) sujetos participantes; e) contenido; f) tiempo. El resultado del estudio en cuestión muestra que la rueda de conversación online se configura como una técnica de intercambio de experiencias personales y profesionales que fomenta el diálogo, la reflexión, la formación, entre otros. Sin embargo, requiere del investigador la planificación previa de cada acción que requiere esta técnica, para asegurar la participación de personas sin mayores complicaciones técnicas, que la hagan inviable y / o dificulten su plena participación e interacción con el grupo, con el fin de producir los datos para el análisis y conclusión de la investigación.

**Palabras clave:** Investigación. Rueda de conversación. Tecnologías digitales. Educación.

### **Introdução**

Indiscutivelmente, as tecnologias se configuram como recursos que podem ser aliados do ser humano, e com a ocorrência da pandemia da Covid-19 (SARS-COV-2) não está sendo diferente, de modo que, por meio destes, entre outras tantas possibilidades, é possível amenizar as distâncias geográficas, ministrar aulas virtuais e/ou *online*, realizar compras, entreter, trabalhar, estudar, pesquisar. Diante destas possibilidades, o presente artigo traz algumas reflexões sobre a roda de conversa *on-line*, como uma estratégia para produzir dados de pesquisa em educação, em cenário que requer o distanciamento social.

Importante destacar que em meados de março de 2020, não só o Brasil, mas o mundo inteiro necessitou administrar uma vida social e econômica em distanciamento para conter o coronavírus. Essa situação acelerou ainda mais, não apenas o processo de tecnologiação dos espaços sociais, mas a necessidade das pessoas se apropriarem das tecnologias digitais, visto que, a alternativa mais segura para realizar as atividades do cotidiano é através destas. Destarte, diversos setores sociais tiveram que se reinventar, ou seja, reconfigurar as atuações profissionais e pessoais, com o objetivo de atender às medidas restritivas instituídas pela Organização Mundial de Saúde – OMS para dar continuidade às suas atividades.

Os/as pesquisadores/as acadêmicos/as não escaparam dessa demanda, particularmente,

aqueles/as que realizam suas pesquisas com seres humanos, têm de assegurar a proteção dos/as participantes. Neste íterim, a internet se torna uma aliada para as metodologias das pesquisas, em virtude do espaço virtual e/ou *on-line*. Assim os instrumentos/técnicas passam do formato presencial para o não-presencial, seja os questionários, as entrevistas, as rodas de conversas, os grupos focais, entre outros mais.

Posto isto, esse artigo traz em seu cerne os caminhos investigativos para realizar uma roda de conversa *on-line*, como técnica para produzir dados. Isto porque, como destaca Halavais (2010, p. 11) “A internet coloca o mundo social, em todo seu desarranjo e complexidade, na soleira da sua porta”. O que implica, segundo o autor, em “reinventar nossos processos e técnicas” e a situação pandêmica instaurada no mundo inteiro em razão da COVID 19, provocou milhares de acadêmicos/as a construção de saberes e conhecimentos para dar continuidade às suas pesquisas empíricas. Compreendemos que uma pesquisa científica, aqui em especial, a acadêmica, necessita de planejamento, isto é, escolher a abordagem, o sujeito, o campo, os instrumentos para produção de dados, o método para analisá-los, e assim traçar o caminho metodológico mais adequado para alcançar seus objetivos.

Nesse cenário, pesquisadores/as têm buscado por meio de pesquisas acadêmicas compreender e enfrentar os problemas decorrentes da pandemia e seus desdobramentos no campo da educação (HENRIQUES; BARROS, 2020; SOUZA; FERREIRA, 2021; VERCELLI, 2020; SAVIANI; GALVÃO, 2021, MOREIRA; MENEZES; MARTILIS; MENDES, 2021; CRUZ, COELHO, FERREIRA, 2021). A roda de conversa *on-line* é uma técnica que possibilita este processo, ao passo que permite os sujeitos (professores/as, gestores/as, estudantes e seus/suas responsáveis, comunidade em geral), produzir os dados para sua pesquisa, seja através do relato de experiências, vivências, realidades, aprendizagens, denúncias, compartilhar dos sentimentos e emoções, independente do lugar em que estejam, bastando para isso, ter acesso a internet e um dispositivo para conectar.

A partir desse ideário, nos debruçamos nas leituras de artigos e livros para construir essa proposta de investigação científica, usando a roda de conversa *on-line* como uma técnica viável para produzir dados em tempos de distanciamento social. Em virtude da especificidade da temática, estruturamos este ensaio, primeiramente, trazendo uma breve discussão sobre a roda de conversa *on-line*, e, posteriormente, os limites e possibilidades em sua utilização na pesquisa,

bem como o planejamento de cada ação do/a pesquisador/a, a exemplo do passo a passo para sua organização.

### **A roda de conversa como técnica para produzir dados: limites e possibilidades da roda on-line**

A roda de conversa *on-line* se configura como uma alternativa para produzir dados de pesquisa, pois confere aos participantes a segurança necessária para preservar-se do contágio da Covid-19, uma vez que o distanciamento social é uma necessidade para amenizar os impactos da pandemia; o que até então seria realizado de forma presencial (face a face) passou por modificações e/ou adequações para ser realizado de forma virtual e/ou *on-line*.

Mas o que difere o virtual do *on-line*? Para responder a essa questão, nos apoiamos na discussão de Levy (1999, p. 47) quando ele diz que “virtual é toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou a um tempo em particular”. O referido autor afirma ainda que a cibercultura encontra-se ligada ao virtual de forma direta e indiretamente. Diretamente a digitalização da informação que se aproxima da virtualização, os códigos de computadores são quase virtuais, visto que são independentes de coordenadas espaços-temporais. Indiretamente, segundo ele, o desenvolvimento das redes digitais interativas favorece outros movimentos de virtualização que não o da informação propriamente dita. O referido autor salienta:

Assim, a comunicação continua, com o digital um movimento de virtualização iniciado há muito tempo pelas técnicas mais antigas, como a escrita, a gravação de som e imagem, o rádio, a televisão e o telefone. O ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos e da coincidência dos tempos (LEVY, 1999, p. 49).

Com o advento da internet e dos mais diversos tipos e modelos de aparatos tecnológicos disponíveis no mercado, as formas de se comunicar, divertir, comercializar e entreter foram substancialmente modificadas. Com a comercialização da internet e desses aparatos, a partir da década de 1990, no Brasil, surgiram também as plataformas, as redes sociais, aplicativos e diversos outros ambientes, o que provocou mudanças no comportamento das pessoas, e culminou com o desenvolvimento do ciberespaço, e, por conseguinte, da cibercultura.

Segundo Lemos (2003, p. 12) o ciberespaço é o “hipertexto mundial interativo, onde cada um pode adicionar, retirar e modificar partes dessa estrutura telemática, como um texto vivo, um organismo auto-organizante”. Quanto a cibercultura, “podemos entender a cibercultura como a forma sócio-cultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 1970” (Ibid). E por último, mas não menos importante, o termo *online* é usado para se referir a alguém que esteja conectado à internet, que esteja disponível para acessar informações em tempo real. Todo esse “movimento” emerge do célere avanço da internet e dos dispositivos que possibilitam uma conexão cada dia mais generalizada, que conseqüentemente reconfigura as relações com o texto, com a música, com o conhecimento, com as outras pessoas.

Noutras palavras, *on-line* é tudo que acontece em tempo real, ou seja, ao vivo; enquanto o virtual ocorre *off-line*, o conteúdo fica disponível em plataformas digitais para acesso quando for solicitado. Seguindo essa linha de pensamento, o que diferencia a roda virtual de uma roda *on-line*, salientamos que “roda de conversa *on-line*”, como o próprio nome já diz, consiste numa técnica em que a conversação é o elemento principal para captar os diálogos, e por ser realizada em tempo real é imprescindível escolher um aparelho, *tablet*, *smartphone*, *notebook* ou computador de mesa, bem como estar conectado à internet, e que os sujeitos colaboradores das pesquisas se prontifiquem a narrar suas histórias. Pode ser realizada com pequeno ou grande grupo, restrita ou expandida, de qualquer lugar do mundo, independente de distanciamento geográfico, em dia e horário previamente agendado.

Quando pensamos numa roda de conversa presencial, logo imaginamos pessoas sentadas em círculo, dialogando e compartilhando suas experiências de vida, muitas vezes, estes encontros são regados com café, suco, biscoito e chá. No formato *on-line*, as pessoas se conectam a internet e ficam disponíveis na tela do seu dispositivo, seja *smartphone*, *notebook*, *tablet* ou computador de mesa. Neste contexto, forma-se uma sequência de imagens de pessoas conectadas de lugares diferentes e pressupõe um exercício de fala e escuta. Warschauer (2001, p. 179) pontua que:

Conversar não só desenvolve a capacidade de argumentação lógica, como, ao propor a presença física do outro, implica as capacidades relacionais, as



emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez, inserir-se na malha da conversa, enfrentar as diferenças, o esforço de colocar-se no ponto de vista do outro etc.

É nessa dinâmica que ocorre a conversação entre pesquisador/a e participantes, de modo que se assemelham ao encontro presencial, o que difere é o distanciamento físico. Apesar de algumas limitações, como por exemplo, a falha de conexão com a internet, escassez de aparelho tecnológico adequado, barulhos dos ambientes familiares e interferência externa, a roda de conversa *on-line*, no contexto pandêmico, apresenta potencialidades que merecem destaques, tais como, a possibilidade do distanciamento geográfico, a preservação da saúde e da vida, economia de recursos financeiros com transporte, otimização do tempo de pesquisa, de maneira que os/as participantes (pesquisador/a e pesquisados/as) não precisam se deslocar, poder participar da pesquisa de um lugar familiar, o que pode trazer conforto. Contudo, é necessário atentar para o bem-estar dos/as participantes na tela, o tempo de realização da atividade, assim como o desenvolvimento de um ambiente propício para que as pessoas possam dialogar, compartilhar as suas histórias e aprendizagens de forma prazerosa e espontânea.

Pinheiro (2020, p. 1) traz uma discussão para pensarmos esta técnica, “a proposição de rodas de conversa tem sido um dos modos de consubstanciar dialogicamente intentos educativos e sistematização de informações desde uma dinâmica que, potencialmente, estabelece condições para a produção de saberes e reflexividades em partilha”. Nesta lógica, uma roda de conversa pode ser potencializadora para o momento de formação, reflexão, desabafo, criticidade, liberdade, emancipação, entre outras mais, especialmente, neste contexto de pandemia.

Para Afonso e Abade (2008), a roda de conversa é uma técnica exploratória que permite captar o diálogo em pequenos grupos, os discursos sobre as práticas cotidianas, atitudes e comportamentos. As referidas autoras, afirmam ainda que “Uma Roda de Conversa é uma forma de se trabalhar incentivando a participação e a reflexão” (AFONSO; ABADE, 2008, p. 10). Esta prerrogativa sugere uma roda de conversa como alternativa para fomentar os processos formativos.

Nesta prerrogativa, Bedin e Pino (2018, p. 228) ressaltam que as rodas de conversas são “estratégia política libertadora e que favorecem a emancipação”. Por isto, desde já, salientamos

que esta técnica é um ato político, dado que apresenta a dinâmica da materialização das mais variadas formas de pensar, refletir, criar e agir no âmbito social e pessoal. Cabe assinalar que este é o momento de diálogo, que possibilita a escuta, a fala, a reflexão, a ação, a socialização do contexto sócio-histórico dos/as convidados/as. Em suma, uma roda de conversa *on-line* é uma técnica exploratória de interlocução coletiva.

Contudo, realizar uma roda de conversa *on-line* para fins de pesquisa, implica na investigação, fazer a delimitação metodológica, sugerimos a escolha da abordagem de pesquisa, ferramenta digital, horário, sujeitos participantes, conteúdo, tempo, etc. Isto porque não podemos perder de vista que no Brasil, o acesso as tecnologias digitais para informação e comunicação, aparelhos e internet, ocorre de forma desigual, principalmente em função dos custos financeiros para esta apropriação.

Para o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), que por meio do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), e do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) realizam pesquisas sobre o uso da internet e de dispositivos, “durante a pandemia do novo coronavírus as disparidades no acesso e no uso da rede tornaram-se mais evidentes, indicando que a apropriação dos potenciais benefícios da Internet é mais limitada entre as parcelas mais vulneráveis da população” (CGI.br, 2021, p. 16). Ainda segundo ao CGI.br, para além das desigualdades no acesso à internet, é relevante analisar as condições desse acesso em termos dos dispositivos utilizados e do tipo de conexão disponível, que podem afetar o desenvolvimento de atividades *on-line*. E função desta situação, nas páginas subsequentes discutiremos os encaminhamentos necessários para lidar com esta situação, de forma que ela não impacte diretamente na construção dos dados por meio da roda de conversa *on-line*.

### **a) A abordagem qualitativa para pesquisa em educação**

Quanto a abordagem de uma pesquisa que utiliza a roda de conversa como uma técnica, sugerimos a qualitativa, visto que permite o/a pesquisador/a um movimento que valoriza a subjetividade dos sujeitos envolvidos, de maneira construtiva e processual (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Essa abordagem possibilita captar as conversações sociáveis em grupo, observar os comportamentos e atitudes dos/as participantes, conhecer o universo de vivências e experiências, dialogar entre pares, assim por diante. Além disso, “[...] é um meio para explorar

e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 26); trata-se da análise de contextos que serão interpretados, e por isso, a conduta e escolhas do pesquisador tem implicação direta com a qualidade do que se produz.

### **b) Tecnologia: acessibilidade e praticidade**

Uma plataforma digital confere aos participantes da pesquisa ferramentas para trocas interativas, que possibilita questionamentos, reflexões, formações, a partilhar experiências, conhecimentos, aprendizagens, entre outras tantas oportunidades; por isso é de suma importância avaliar previamente a plataforma escolhida, se ela comporta a quantidade de convidados, os procedimentos para a acessibilidade e a viabilidade para a produção dos dados da pesquisa.

O que deve ser levado em consideração em uma pesquisa é o tipo de informações que o/a pesquisador/a necessita, há que se perguntar qual instrumento deve ser usado para contemplar a produção dos dados, se for questionário, o *google* disponibiliza uma ferramenta gratuita denominada de “*Google forms*”, que pode ter grande alcance e gerar dados com maior rapidez, além de poder personalizá-los. Há outras plataformas/aplicativos que também são fortes aliados numa pesquisa, como por exemplo, *Typeform*, *SurveyMonkey*, *MindMiners*, entre outras; todas contribuem para o momento de traçar o perfil dos participantes, gerar relatórios personalizados, e assim pode ajudar no planejamento da roda de conversa *on-line*, em outras palavras, a utilização do questionário antes da realização da roda pode ser forte aliado do/a pesquisador/a no momento de delimitar o público participante, o conteúdo a ser abordado, a plataforma, o horário para realização da roda, etc.



Quadro 01 – Opções digitais para questionário

Plataforma/ aplicativo	Características	Tipo de acesso
<i>Google forms</i> <sup>3</sup>	Gratuito Possibilita criar formulário com perguntas abertas ou fechadas. Pode ser personalizado Armazena os dados e gera planilha, gráficos, etc.	O/a pesquisador/a necessitará de uma conta no <i>google</i> para criar o questionário. Já os participantes, deverão acessar o link para responder por um navegador <i>web</i> .
<i>Typeform</i> <sup>4</sup>	Versão gratuita e versão paga Permite criar questionário personalizado. É usado para avaliar o mercado, mercadoria, comportamento, etc. Armazena dados	Pesquisador/a e pesquisados/as deverão acessar a ferramenta por um navegador <i>web</i> .
<i>SurveyMonkey</i> <sup>5</sup>	Gratuito Usado para obter <i>feedback</i> , isto é, pesquisa de satisfação, enquetes. Informa tempo que a pessoa levou para responder o questionário.	Acesso disponível em um navegador <i>web</i> .
<i>MindMiners</i> <sup>6</sup>	Versão gratuita e versão paga Plataforma automatizada de pesquisa digital Realiza pesquisa personalizada Usado em pesquisa de satisfação Traça perfil dos/as respondentes Usado no mercado Cria planilha de dados	Pesquisador/a e pesquisados/as têm acesso por um navegador <i>web</i> .

Fonte: Dados de Pesquisa na internet

Numa roda de conversa, grupo focal ou entrevista, todas *on-line*, há algumas plataformas/aplicativos digitais disponíveis para produzir dados, tais como, *Google Meet*, *GoToMeeting*, *Cisco Webex Meetings*, *Zoom*, *Skype*, *WhatsApp*, entre outras. Aqui centraremos em trabalhar especificamente com a roda de conversa *on-line*. Contudo, a primeira pergunta a

<sup>3</sup> Criar um formulário. Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>

<sup>4</sup> Informações disponíveis em: <https://www.capterra.co/software/137289/typeform>

<sup>5</sup> Criar uma conta. Disponível em: [https://pt.surveymonkey.com/user/signup/?ut\\_source=s\\_page\\_search\\_topbar\\_desktop](https://pt.surveymonkey.com/user/signup/?ut_source=s_page_search_topbar_desktop)

<sup>6</sup> Criar uma conta. Disponível em: <https://mindminers.com/platform>

se fazer aos/as participantes desse tipo de técnica de pesquisa é qual a ferramenta de maior acessibilidade para todos/as; essa indagação é extremamente necessária, pois os convidados necessitarão ter familiaridade com aquela selecionada.

**Quadro 02** – Opções para realização de roda de conversa on-line

Plataforma/ aplicativo	Características	Tipo de acesso
<i>Google Meet</i> <sup>7</sup>	Plataforma digital com versão gratuita e paga Permite: - videochamada - compartilhamento de tela - interação em tempo real - tempo ilimitado de acesso - gravação (versão paga) - até 250 pessoas conectadas na versão paga - até 100 pessoas conectadas na versão gratuita	Precisa de um <i>e-mail</i> ativo para criar ou acessar um encontro No celular ou <i>tablet</i> , o acesso é por aplicativo. No computador, o acesso é por um navegador web. Precisa de convite ou permissão para o acesso em encontros agendados por outra pessoa. Sem o acesso a internet também pode participar do encontro por meio de chamada telefônica, contudo não poderá visualizar o que está sendo transmitido na tela, ficando restrito apenas ao acesso da gravação.
<i>GoToMeeting</i> <sup>8</sup>	Aplicativo digital com versão gratuita e paga Permite: - videochamada - interação em tempo real - tempo ilimitado de acesso - gravação (versão paga)	Acesso por aplicativo para Android No computador, o acesso é por um navegador web ou aplicativo

<sup>7</sup> Disponível em: <https://apps.google.com/meet/>

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.gotomeeting.com/pt-br>

	- até 250 pessoas conectadas na versão paga	
Cisco Webex Meetings <sup>9</sup>	<p>Plataforma <i>online</i> com versão paga e gratuita.</p> <p>Permite na versão gratuita:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 organizador</li> <li>- encontro de até 50 minutos</li> <li>- 100 participantes</li> <li>- videoconferência</li> <li>- compartilhamento de tela</li> <li>- criar nota e criar enquete</li> </ul>	<p>Acesso por aplicativo para Android</p> <p>No computador, o acesso é por um navegador web ou aplicativo</p>
Zoom <sup>10</sup>	<p>- Plataforma <i>online</i> para realização de videoconferência.</p> <p>- Disponível na versão paga e gratuita.</p> <p>Na versão gratuita permite:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- reuniões individuais ilimitadas e chamadas em grupo com até 100 participantes e 40 minutos.</li> <li>- compartilhamento de tela</li> </ul>	<p>Em <i>Android</i> o acesso é por aplicativo.</p> <p>No computador, o acesso é por um navegador web.</p>
Skype <sup>11</sup>	Software na versão gratuita e paga, permite ligação eliminada de chamada de voz ou vídeo com até 100 pessoas ao mesmo tempo,	<p>Em <i>Android</i> o acesso é por aplicativo.</p> <p>No computador, o acesso é por um navegador web ou aplicativo</p>

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.webex.com/pt/index.html>

<sup>10</sup> Acesso em: <https://zoom.us/>

<sup>11</sup> Acesso em: <https://www.skype.com/pt-br/>

	além de permitir compartilhamento de arquivos em tempo real.	
<i>WhatsApp</i> <sup>12</sup>	Aplicativo gratuito. Permite: - ligação de voz ou vídeo, - compartilhamento de arquivos e mensagens de texto. - videochamada com a participação de até 08 pessoas. Não permite compartilhamento de tela	No celular ou <i>tablet</i> , o acesso é por aplicativo, necessita de um número de telefone ativo para instalar. No computador, o acesso é por um navegador <i>web</i> , mas exige conexão com um aparelho <i>Android</i> simultaneamente.

**Fonte:** Dados de Pesquisa na internet

Outro aspecto também que deve ser considerado é a possibilidade de a ferramenta escolhida ter a opção de gravação, posto que permite ao/a pesquisador/a maior fidedignidade na produção dos dados. Entretanto, é necessária a autorização prévia dos/as participantes para gravar a conversa. Todas as alternativas do quadro 01 e 02 trazem para o/a pesquisador/a a possibilidade de produzir dados de pesquisa, em contexto pandêmico, e estes recursos são imprescindíveis para a segurança tanto dos/as colaboradores, como dos/as investigadores/as.

### c) Delimitação do tempo

Alguns questionamentos são necessários antes de agendar o primeiro encontro com os participantes como, por exemplo: Quanto tempo é necessário para realizar a roda de conversa? Quantos encontros serão necessários? Qual o melhor dia e horário? Quantos participantes serão convidados para cada encontro? Quais perguntas serão norteadoras da roda de conversa? Quanto tempo para responder cada pergunta?

É válido salientar que cada encontro deve ter no máximo duas horas, para que não torne demasiadamente cansativo; outro ponto importante é delimitar o tempo de resposta para cada

<sup>12</sup> Acesso em: [https://www.whatsapp.com/?lang=pt\\_br](https://www.whatsapp.com/?lang=pt_br)

participante, sugerimos entre sete e cinco minutos. Contudo, estes acordos devem ser firmados no momento inicial do encontro, o que requer apresentação da proposta da roda de conversa, de modo que fique acordado a dinâmica dos diálogos.

#### **d) Os sujeitos participantes**

Uma pesquisa parte de uma pergunta norteadora, por meio dela delineamos os objetivos, como também traçamos os caminhos investigativos, é nessa busca que selecionamos os sujeitos que nos ajudarão no encontro das respostas. É nesse sentido, que sugerimos para uma roda de conversa, por exemplo, o máximo de 07 e o mínimo de 3 participantes, de forma que dará para o/a pesquisador/a desenvolver um diálogo com todos/as os/as convidados/as e distribuir melhor o tempo.

Alguns critérios deverão ser estabelecidos para escolha dos/as participantes de cada roda de conversa, seja a formação, a idade, a etnia, o gênero, a profissão, entre outros. Suponhamos, que, ao investigar fatores comportamentais de um grupo de adolescentes, seus pais/mães ou responsáveis estejam presentes na roda de conversa, isso provavelmente afetaria as respostas, ou seja, estas presenças inibiriam um diálogo mais aberto com os/as adolescentes, e mais, poderia forçar opiniões. Assim sendo, a roda de conversa em um dado momento deve ocorrer só com adolescentes, e num outro, com os pais/mães. Esta exemplificação nos permite perceber que a escolha dos participantes implica nos resultados da pesquisa. Sob este prisma, salientamos a necessidade de delimitar os critérios para essa escolha, levando em consideração a interação entre os pares.

Warschauer (2002, p. 47) discorre que a roda de conversa “[...] é uma construção própria de cada grupo. [...] Constitui-se em um momento de diálogo, por excelência, em que ocorre a interação entre os participantes do grupo, sob a organização do coordenador[...]”. O/a pesquisador/a assume neste tipo de pesquisa, a posição de coordenador/a do diálogo, bem como a voz de um sujeito participante, aquele/a que provoca a discussão, e ao mesmo tempo, produz dados para sua pesquisa. Implica dizer que, o/a pesquisador/a precisa estabelecer uma relação amistosa com os/as participantes para facilitar os processos da interlocução.



### e) O conteúdo

Para Moura e Lima (2014, p.28) “as Rodas de Conversas consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam, escutam seus pares e si mesmos pelo exercício reflexivo”. Sob este aspecto, a escolha do conteúdo do diálogo na roda de conversa é outro elemento importante que requer planejamento prévio para atender invariavelmente os objetivos da pesquisa. Dessa maneira, sugerimos criar blocos de perguntas, estes podem ser construídos com palavras ou temas geradores de discussão. O que deve ser considerado é o propósito da pesquisa que se realiza para não perder o foco do objetivo de investigação.

Uma roda de conversa “é um espaço de formação, de troca de experiências, de confraternização, de desabafo” (MOURA; LIMA, 2014, p. 25). Destarte, devemos levar em consideração que é a delimitação do conteúdo que fomentará a formação, o partilhamento das experiências, o momento da escuta e da fala, ou seja, do diálogo. Então:

Precisamos de narrativas que contribuam para a compreensão ampliada do que é e do que pode ser a realidade social na qual estamos vivendo, escamoteada e tornada invisível a “olho nu” pelas normas e regulamentos da cientificidade moderna, da hierarquia que esta estabelece entre teoria e prática e dos textos produzidos segundo tais ditames (OLIVEIRA; GERALDI, 2010, p. 23).

É pertinente enfatizar que o conteúdo é o caminho para provocar as narrativas, a reflexão e a ação dos/as participantes sobre a vida, como formação, profissão, comportamento, atitudes, sentimentos, emoções, etc. É ele que contribui para forjar as opiniões, problematizar as realidades, posto que são das narrativas, ou seja, das conversações que surgirão as categorias de análises do objeto pesquisado.

### Considerações finais

O percurso de escrita deste ensaio, permite inferir que a realização de uma roda de conversa requer o planejamento prévio de cada ação do/a pesquisador/a. Para isso, é necessário empreender esforços na compreensão que toda pesquisa acadêmica exige leituras, estudos, análises, observações, sensibilidade para ouvir e falar. O exercício é complexo, porém necessário.

Além de conhecer previamente o perfil dos/as participantes de uma roda de conversa e o conteúdo a ser abordado, para ter êxito na realização da pesquisa, o/a pesquisador/a terá alguns desafios a enfrentar, considerando que ela será realizada no formato *on-line*. Entre esses desafios, destacamos a necessidade de todas/os terem disponível uma boa conexão de internet, aparelho tecnológico com qualidade de áudio e imagem compatível com o aplicativo ou plataforma digital definida para realização da roda, fones de ouvidos, como também dispor de um ambiente propício, que possibilite, por exemplo, sua participação sem intercorrências externas.

Além destas questões técnicas, é fundamental que a plataforma ou aplicativo definido para realização da roda *on-line* seja de conhecimento de todas/os as/os participantes, e que já tenham utilizado no mínimo duas vezes. A depender do nível de fluência digital, talvez seja necessário fazer um tutorial com as informações básicas para acesso e interação na plataforma ou aplicativo e disponibilizar para o grupo, visto que “a fluência digital pode ser definida como a capacidade que um indivíduo possui para transformar seus conhecimentos, expressar-se com criatividade, construir e sistematizar recursos digitais, não sendo suficiente apenas utilizá-los” (TAROUCO, 2018; TAROUCO, 2013).

Se a roda de conversa fosse realizada no formato presencial, seria acompanhada de café, sucos e ou chás, além de biscoitos, pãezinhos, frutas e outras guloseimas, posto que o alimento é um importante elemento socializador, uma oportunidade para nos aproximarmos das pessoas e criar vínculos, laços estes importantes em uma técnica como a roda, em que o diálogo e a reflexão serão elementos fundantes para construção dos nossos dados para análise. Importante que os sujeitos participantes se sintam à vontade para dialogar e refletir.

Em se tratando de uma roda realizada no formato *on-line*, outras estratégias precisarão ser adotadas, com a finalidade de se estabelecer um ambiente propício a um diálogo fluído e participativo. Uma possibilidade é obter o perfil do grupo de participantes com antecedência, para pensar nas possíveis estratégias que poderão ser adotadas, com vistas a criar um ambiente o mais leve e descontraído possível. O tempo de duração também é um importante elemento, adotar tempos reduzidos, no mínimo 1h e no máximo 2h de duração em função do cansaço frente a tela do computador e o desconforto visual e físico que isso pode desencadear. Além disso, importante também fazer uma consulta prévia para definir o dia e horário, considerando

que todos/as estarão em ambientes possivelmente compartilhado com outras pessoas, e essa consulta pode, por exemplo, contribuir para o conforto dos/as participantes no sentido que eles/as definiam melhor momento para essa participação *on-line*.

Contudo, importante destacar que esta roda de conversa se configura como uma técnica de partilhamento de experiências pessoais e profissionais, que poderá fomentar o diálogo e a reflexão desde que o/a pesquisador/a planeje previamente cada ação que está técnica exige, para assegurar a participação das pessoas sem maiores intercorrências, que inviabilizem e ou prejudiquem sua plena participação e interação com o grupo, de forma a produzir os dados almejados para análise.

É essencial enfatizar que uma roda de conversa *online* é uma alternativa viável em contexto em que o/ pesquisador/a não dispõe de condições infraestruturais para realizá-la em formato presencial, como por exemplo, mediante a situação de emergência sanitária, em que o distanciamento social é fundamental para preservação da vida, bem como, em situações de distanciamento geográfico entre colaboradores/as e pesquisadores/as que residem em localidades distintas. A tecnologia digital, portanto, torna-se uma aliada no desenvolvimento de pesquisas, podendo reunir pessoas em qualquer lugar do mundo, conectados em tempo real para discutir, refletir, propor, etc.

Esperamos com este estudo contribuir com a realização de investigações em contexto adverso, e assim movimentar discussões sobre os limites e as possibilidades para realização de pesquisas que tenham como recurso as tecnologias digitais.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas:** rodas de conversa em direitos humanos. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.

BEDIN, E.; PINO, J. C.D. Interações e intercessões em rodas de conversa: espaços de formação inicial docente. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 99, n. 251, p. 222-238, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v99n251/2176-6681-rbeped-99-251-222.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2021.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

Comitê Gestor da Internet no Brasil -CGIR.br. Pesquisa web sobre o uso da Internet no Brasil

durante a pandemia do novo coronavírus: Painel TIC COVID-19 [livro eletrônico] Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. [editor] – 1. ed. – São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/painel-tic-covid-19/>. Acesso: 12 ago 2021.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.

CRUZ, Lilian Moreira, COELHO, Livia Andrade, FERREIRA, Lúcia Gracia. Docência em Tempos de Pandemia: saberes e ensino remoto. **Debates em Educação**. Vol. 13, Nº. 31, Jan./Abr. Maceió/AL 2021. Disponível em <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/11798>. Acesso em 03 agos. 2021.

HALAVAIS, A. Prefácio. In.: FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p.

LEMOS, A.; CUNHA, P. (Org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa, São Paulo: Ed. 34, 1999.

MENEZES, K.M.G; MARTILIS, L.F.S; MENDES, V.P.S. Os impactos do ensino remoto para a saúde mental do trabalhador docente em tempos de pandemia. **Revista Universidade e Sociedade**. Brasília, n 67, p. 50-61, jan. 2021. Disponível em: [https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada\\_1609774477.pd](https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pd) p . Acesso em: 23 mar. 2021.

MOREIRA, J. A. M.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020. DOI <https://doi.org/10.5585/dialogia.n34.17123>. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/index.php?journal=dialogia&page=article&op=view&path%5B%5D=17123&path%5B%5D=8228>. Acesso em: 31. mar. 2020.

MOURA, A. B. F; LIMA, M.G. S. B. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Interfaces da Educação**, v.5, n.15, p.24-35, João Pessoa/PB, 2014.

OLIVEIRA, I. B.; GERALDI, J. W. Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão. OLIVEIRA, Inês. B. (Org.) **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis, RJ: DP, 2010.

PINHEIRO, L. R. Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica. **Proposições**, Campinas, SP, v. 31, p. e20190041, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8664297>. Acesso em: 23 mar. 2021.

SAVIANI, D; GALVÃO, A. C. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Revista Universidade e Sociedade**. Brasília, n 67, p. 36-49, jan. 2021. Disponível em: [https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada\\_1609774477.pdf](https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf) p . Acesso em: 23 mar. 2021.

SOUZA, E. M. F; FERREIRA, L. G. A matrícula como direito do estudante na pandemia da COVID-19. **Revista Práxis Educacional**. Vitória da Conquista, v. 17, n. 44, p. 1-21, jan./mar, 2021.

TAROUCO, L. M. R. Um panorama da fluência digital na sociedade da informação. In: BEHAR, P. A. (Org.). **Competências em Educação a Distância**. Porto Alegre: Penso, 2013.

TAROUCO, L. M. R. Competências Digitais Dos Professores. In: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras – **TIC Educação 2018**. Disponível em: [https://cetic.br/media/docs/publicacoes/216410120191105/tic\\_edu\\_2018\\_livro\\_eletronico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/216410120191105/tic_edu_2018_livro_eletronico.pdf) . 10 jul., 2020, Acesso: 19 abr 2021.

VERCELLI, LCA. Aulas remotas em tempos de Covid-19: a percepção de discentes de um programa de mestrado profissional em educação. **Revista @mbienteeducação**. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 13, n. 2, p. 47-60 Mai/Ago. 2020. Disponível em: <http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/932/0>. Acesso em: 30 nov. 2020.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra. 2001.

WARSCHAUER, C. **A roda e o registro**: uma parceria entre professor, aluno e conhecimento. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2002.

Submissão em: 11/02/2022

Aceito em: 30/05/2022

Citações e referências  
conforme normas da:

